

PASSEIO AO FAROL, DE VIRGINIA WOOLF: UMA RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO FEMININA, A LITERATURA E A ARTE

TO THE LIGHTHOUSE, BY VIRGINIA WOOLF: RELATIONS BETWEEN FEMININE PERCEPTION, LITERATURE AND ART

Cristiane Aparecida da Rosa Rossi¹
cristianerossi@yahoo.com.br

Resumo: A leitura do romance *Passeio ao Farol*, de Virginia Woolf, além de proporcionar a fruição de uma narrativa bem elaborada, pode ser interpretada como sendo uma das responsáveis pelo despontar da sensibilidade e do potencial criativo do leitor atento, em relação à percepção artística desenvolvida pela personagem Lily Briscoe, uma pintora de telas, solteira, nas ocasiões em que observava a maneira como a personagem Sra. Ramsay, uma dona de casa e mãe de família, direcionava a sua conduta em relação aos familiares e ao ambiente onde vivia. A análise de ambas as personagens inclui a permanência destas em uma casa de praia, localizada na Ilha de Skye, na Escócia, onde a artista observava o comportamento da anfitriã, a Sra. Ramsay, enfocando-a como inspiração para a obra de arte que estava a produzir. O objetivo deste estudo consiste em analisar as personagens em questão, bem como em relacionar a representação artística obtida pela percepção feminina aos efeitos produzidos por esta sobre a pintura e a Literatura. A metodologia empregada é a análise literária do romance referido, além da revisão bibliográfica de outros autores. Os resultados demonstram que a relação entre a Literatura e a pintura pode ser considerada uma das responsáveis pelo aflorar da sensibilidade do escritor/pintor e da consciência crítica do apreciador da obra arte, seja ela imagética ou textual.

Palavras-chave: Literatura. Percepção. Mulheres. Pintura.

Abstract: The reading of Virginia Woolf's novel *To the Lighthouse*, in addition to providing the fruition of a well-elaborated narrative, can be interpreted as being responsible for awakening the sensibility and creative potential of attentive readers, in relation to the artistic perception developed by the character Lily Briscoe, a single painter, on the occasions she observed the way the character Mrs. Ramsay, a housewife and mother, directed her behavior toward her family and the environment in which she lived. The analysis of both characters includes their stay in a beach house, located on the Isle of Skye, in Scotland, where the artist observed the behavior of the hostess, Mrs. Ramsay, who was the inspiration for the work of art she was producing. The objective of this study is to analyze the mentioned characters, as well as to relate the artistic representation obtained by the female perception to the effects it produces on painting and Literature. The methodology used is the literary analysis of the referred novel, as well as a bibliographical review of other authors. The results show that the relationship between Literature and painting can be considered, among others, responsible for the flourishing of the writer/painter's sensibility and the critical conscience of art connoisseurs, be it imagery or textual.

Keywords: Literature. Perception. Women. Painting.

¹ Doutoranda em Letras, na área de concentração dos Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

1 Introdução

O presente estudo tem como objetivo a análise das personagens femininas, Lily Briscoe e Sra. Ramsay, encontradas no romance *Passeio ao farol*, produzido pela escritora inglesa Virginia Woolf. O estudo propõe-se ainda a relacionar as impressões obtidas pela personagem Lily Briscoe, uma pintora de quadros, solteira, e registradas por esta sobre tela em óleo, nas ocasiões em que observava as ações da Sra. Ramsay, uma dona de casa, casada e mãe de oito filhos, em relação à vida familiar e doméstica por esta mantida.

A temática escolhida é condizente com a intrínseca relação existente entre a Literatura e a arte pictórica, encontrada na narrativa em análise. Desta forma, o presente estudo estará dividido em quatro capítulos, além deste capítulo de introdução. O segundo capítulo apresentará, ao leitor, uma breve sinopse da obra. O terceiro fará um ligeiro estudo das principais personagens femininas encontradas no romance, Lily Briscoe e Sra. Ramsay, relacionando as impressões refletidas pelas ações de ambas sobre a arte pictural.

O quarto capítulo tencionará estabelecer uma breve relação entre a mimese e a influência da observação do mundo e da realidade circundante sobre o artista. O quinto e último capítulo abordará a relação da arte sobre tela com a Literatura, bem como os efeitos exercidos pela percepção do artista sobre a narrativa. As considerações finais reafirmarão os propósitos iniciais deste estudo de evidenciar a relação existente entre a Literatura e a pintura, encontrada no romance.

Como referenciais teóricos, citaremos Kothe (1981) e Mumford (1986). Os resultados demonstrarão que a relação entre a Literatura e a pintura pode ser considerada como uma das responsáveis pelo aflorar da sensibilidade do escritor/pintor e da consciência crítica do apreciador da obra arte, seja ela imagética ou textual.

2 A obra

A primeira edição da obra literária *Passeio ao Farol* foi produzida pela escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941) e publicada em maio de 1927. O enredo do romance trata de dois dias na casa de praia, pertencente à família Ramsay, localizada na ilha de Skye, na Escócia. Na primeira ocasião, a família manifesta sua intenção de realizar uma visita a um farol situado próximo à residência, porém o evento não se realiza, devido às condições do tempo. No dia anterior ao passeio planejado, inicia-se a narrativa com a apresentação da

anfitriã da residência de veraneio, Sra. Ramsay, de seu esposo, o Sr. Ramsay, um professor de filosofia, e dos oito filhos do casal: Rose, Prue, Andrew, Jasper, Roger, Nancy, Cam e James.

No decorrer do primeiro capítulo, intitulado *A janela*, o narrador onisciente faz referências aos demais personagens da ação, convidados do casal Ramsay: o Sr. Charles Tansley, um ateu, admirador das qualidades filosóficas, apresentadas pelo anfitrião da residência; Augustus Carmichael, um poeta e amigo do Sr. Ramsay; Paul Rayley e Minta Doyle, um casal de jovens a quem a Sra. Ramsey faz o possível para unir em matrimônio; e William Bankes, um viúvo que costumava passear ao lado da artista plástica da área pictural, hospedada na residência, Lily Briscoe.

A primeira parte da obra narra o transcorrer de um dia da família Ramsay e de seus convidados na residência onde todos estão hospedados. O dia começa com a Sra. Ramsay informando ao filho caçula, James, que, no dia seguinte, o tempo estará oportuno para a realização de um passeio a um farol, situado nas imediações da residência. Diante do comentário em relação ao tempo, o pai de James e esposo da Sra. Ramsay opõe-se à esposa, dissuadindo as pretensões desta em realizar uma possível expedição ao farol. Durante o restante do dia, as demais personagens começam a desempenhar, pouco a pouco, seu papel na narrativa. Dentre eles, a personagem Sr. Charles Tansley, uma pessoa inteligente e detentora de um temperamento difícil, revelava não se sentir constrangido ao demonstrar a aversão que sentia em relação às mulheres: “As mulheres não sabem pintar, as mulheres não sabem escrever...” (WOOLF, 1987, p. 52), dizia, referindo-se à pintora Lily Briscoe.

À medida que prossegue a narrativa, a Sra. Ramsay, como anfitriã da casa, esforça-se ao máximo para conceder atenção aos seus convidados, enquanto a pintora Lily Briscoe, também hospedada na residência de praia, mantém o hábito de permanecer em pé, ao lado do gramado, produzindo uma pintura artística. O personagem William Bankes, hospedado na residência, costuma permanecer sob os efeitos de uma sensação de embevecimento, da qual se sentia apoderado, nas ocasiões em que se detinha a observar, em conjunto com a pintora de quadros, a atitude amorosa que vinha sendo dedicada pela Sra. Ramsay ao filho menor, na ocasião em que lia, para o rebento, um conto infantil encontrado em um livro de fadas.

O desfecho do capítulo ocorre com a realização de um jantar oferecido pelo casal Ramsay aos seus hóspedes.

Além desse capítulo, a obra subdivide-se em mais duas partes. A segunda parte, intitulada *O tempo passa*, aborda o interstício de tempo decorrido entre a primeira intenção de realizar a excursão ao farol, manifestada pela Sra. Ramsay, e o abandono da residência pela família, após a eclosão da Primeira Guerra Mundial e o falecimento da proprietária da casa de

veraneio. Posteriormente a esse intercurso de tempo, que teve a duração aproximada de dez anos, a casa, que se encontrava em estado de abandono, começa a receber a reparação e a limpeza em suas instalações, por parte de pessoas encarregadas desses serviços. Subsequentemente ao final da guerra, os antigos hóspedes da residência, a artista Lily Briscoe, o poeta Carmichael, entre outros, retornam à Ilha de Skye.

No último capítulo, intitulado *O farol*, conforme a sugestão apresentada pelo título da seção, acontece, finalmente, a tão aguardada expedição ao farol. Durante o desenrolar deste último capítulo, acentuam-se as impressões da pintora Lily Briscoe sobre as ações da Sra. Ramsay, ocorrendo, ainda, a finalização da tela artística à qual se vinha dedicando a pintora desde o início do romance. A realização da pintura do quadro dá-se, coincidentemente, na ocasião em que a expedição, comandada pelo Sr. Ramsay em companhia dos filhos James e Cam, finalmente, alcança o farol.

3 Sra. Ramsay e Lily Briscoe: personalidades femininas e impressões distintas refletidas sobre a arte

Ao analisarmos, separadamente, as personagens Sra. Ramsay e Lily Briscoe, compreenderemos que ambas possuem estilos de vida diferenciados. Ao contrário de Lily Briscoe, uma artista plástica solteira e sem filhos, com idade aproximada de trinta e três anos, e que se dedica à pintura de telas pictográficas, a Sra. Ramsay é uma dona de casa, casada e mãe de oito filhos, conforme revelamos anteriormente. A pintora Briscoe, entretanto, é uma mulher, cuja atribuição no romance, consiste em observar a esposa do Sr. Ramsay e registrar as impressões desta observação sobre a tela que está pintando.

A Sra. Ramsay, por seu lado, merece ser interpretada como uma mulher dedicada à vida familiar, ou seja, aos cuidados com a casa, com o marido e com os filhos. Observamos, entretanto, que a despeito de tratar-se de uma mãe e esposa dedicada e zelosa, em algumas oportunidades demonstrava estar sendo acometida por um desejo intenso de sentir-se querida e admirada por todos:

Era isso que a importunava, vindo exatamente depois do desgosto que seu marido lhe dera; era esta a sua sensação agora que o Sr. Carmichael passava, bamboleante, apenas sacudindo a cabeça como resposta à sua pergunta, com um livro debaixo do braço e os chinelos amarelos: ele desconfiava dela; e todo esse seu desejo de dar, de ajudar, não era senão vaidade. Era para sua autossatisfação que queria tão instintivamente dar, ajudar, para que as pessoas dissessem: "Oh, a Sra. Ramsay! a querida Sra. Ramsay... a Sra. Ramsay, decerto"! e precisassem dela e a chamassem e a admirassem? Não era isso que queria secretamente? [...]. (WOOLF, 1987, p. 45-46).

O enunciado anterior refere-se à sensação de mal-estar, que vinha sendo produzida pelo Sr. Carmichael sobre a anfitriã da casa de praia, tendo em vista o pouco caso que o convidado lhe demonstrava, nas ocasiões em que a dona de casa lhe dirigia a palavra, inquirindo-o se desejava que ela lhe trouxesse algo da cidade.

Conforme dissemos anteriormente, a Sra. Ramsay desempenhava os papéis de mãe e de esposa, concedendo ao marido a atenção e o cuidado, requeridos pelo seu papel de consorte. Ao mesmo tempo em que a dona de casa permanecia bela, apesar de sua idade estar situada ao redor dos cinquenta anos, a mãe de James e Cam, em muitas oportunidades, assumia uma posição em que receava sentir-se superior ao marido:

[...] não gostava, nem por um instante, de sentir-se melhor que o marido. Além do mais, não podia suportar sua própria incerteza quanto à veracidade de suas palavras, ao falar-lhe. As universidades e as pessoas que o procuravam, as conferências e os livros – nem por um instante duvidava da máxima importância de tudo isso; era sua relação, e o modo como ele se aproximava dela, assim, abertamente, de tal forma que todos podiam ver, que a perturbavam. Pois as pessoas diziam que ele dependia dela, quando deveriam saber que, dos dois, era ele o infinitamente mais importante, e que, comparada a ele, o que ela dava ao mundo era desprezível. (WOOLF, 1987, p. 43).

Não obstante a impressão de egoísmo, injustiça e tirania causada pelo Sr. Ramsay sobre a pintora Lily Briscoe, as percepções da artista plástica sobre o relacionamento do casal Ramsay equivaliam à apreensão de uma atmosfera amorosa ou de um estado de enlevamento e de enamoramento, pairando sobre os esposos:

No momento em que ela os erguia e os via, sentia-se inundada pelo que chamava de "estado de amor". Passavam a fazer parte do universo irreal, mas penetrante, que é o mundo visto através dos olhos do amor. O céu se ligava a eles; os pássaros cantavam através deles. E, o que era ainda mais emocionante, além disso, ela sentia – ao ver o Sr. Ramsay derrotado, retirando-se abatido, e a Sra. Ramsay sentada com James à janela e a nuvem movendo-se e a árvore dobrando-se – que a vida, por ser composta de pequenos incidentes insignificantes que uma pessoa vive um a um, se tornava contínua e completa, como uma onda que a tivesse alçado com ela e depois o lançado de novo na areia da praia, ao quebrar-se. (WOOLF, 1987, p. 50-51).

As impressões obtidas pela artista Lily Briscoe, nas ocasiões em que esta observava as atitudes da anfitriã para com seus familiares, e o conseqüente estado de encantamento, que costumava envolver a pintora, em conseqüência destas observações, inspiraram a artista a produzir uma tela sobre óleo, na qual pudesse representar artisticamente a captação da imagem produzida pela mãe, a Sra. Ramsay, ao proceder à leitura de um livro de contos para o filho caçula, James, ao seu lado.

4 A mimese e a influência do mundo sobre a percepção do artista

O conceito de arte, muitas vezes, pode ser interpretado como sendo um produto da ação da representação humana sobre a realidade. De acordo com Mumford (1986, p. 17), a arte é “uma das esferas essenciais das atividades humanas autónomas e criativas”. Neste sentido, podemos dizer que a ação do artista se manifesta sobre a realidade, na medida em que a sua produção artística começa a assumir formas, símbolos e significados capazes de produzir, no espectador de arte, sensações evocatórias do objeto que pretende representar. Hauser (1973, p. 08) assevera: “A arte reflete fielmente a realidade, da maneira mais perfeita, viva e penetrante, porque não se afasta dos seus traços mais perceptíveis. Mas na medida em que abdica destes traços, as suas representações perdem também a força evocatória e acção influente”.

Com base no enunciado de Hauser, compreendemos que, ao observar a realidade na qual está envolvido, o artista tem o poder de recriá-la, de acordo com as impressões que chegam até ele por intermédio de sua percepção. A representação da realidade, neste caso, porém, não se resume apenas a mera observação, mas sim a uma observação crítica e capaz de direcionar a percepção dos apreciadores das belas-artes para circunstâncias e emoções nem sempre identificadas de maneira imediata. Hauser (1973, p. 08) complementa:

De todas as formas de consciência, a arte é a única que se opõe desde logo e frontalmente a cada abstracção e que está empenhada em se libertar de tudo o que seja apenas pensado, sistemática e generalizante, tudo o que seja puramente ideal e inteligível e em se tornar no objeto de visões espontâneas, impressões sensuais puras e de experiência concretas.

Em outras palavras, pode-se dizer que a pretensão da representação artística, em muitos casos, consiste em eximir-se das formas de representação concebidas de maneira sistemática e generalizante, cedendo o espaço para formas de representação concebidas de maneira espontânea, registros de impressões sensuais e de experiências concretas. No caso específico da produção da obra de arte descrita no romance ora em estudo, acreditamos que o

objetivo da pintura em tela, em desenvolvimento pela artista Lily Briscoe, consistia em representar, sob a forma de arte, a imagem amorosa produzida pela Sra. Ramsay, na ocasião em que procedia à leitura de um livro de contos infantis para o filho caçula:

Tal era a complexidade das coisas. Pois acontecia-lhe - principalmente quando ficava com os Ramsays - sentir violentamente duas coisas antagônicas ao mesmo tempo: uma, o que você sente; outra, o que eu sinto. E ambas brigavam em sua mente, como nesse momento. É tão emocionante esse amor que tremo no seu limiar e ofereço-me, contrariamente aos meus hábitos, para procurar um broche na praia; e também é a mais insensata, a mais bárbara das paixões humanas, que transforma um belo jovem com um perfil de camafeu (Paul tinha um perfil perfeito) num valentão com uma barra de ferro nas mãos (estava jactancioso e insolente) na estrada de Mile End. Contudo, disse consigo mesma, desde o começo do mundo cantam-se odes ao amor; concedem-se coroas e flores em grandes quantidades; e nove dentre dez pessoas lhe responderiam que estavam perfeitamente satisfeitas com isso; enquanto as mulheres, a julgar por sua própria experiência, sentiriam o tempo todo: não é isso que nós queremos; não há nada mais enfadonho, pueril e desumano que o amor; contudo, ele é lindo e necessário. (WOOLF, 1987, p. 102-103).

As recordações sobre os momentos de enlevamento das quais se sentia apoderada, diante das recordações do casal e, de modo especial, da Sra. Ramsay, acentuavam em Lily o sentimento intuitivo que a instigava a expressar, em forma de arte pictórica, a apreensão de um sentido relacionado ao estado de indefinição e incompletude pelos quais se deixava invadir:

Rapidamente, como se outra vez algo a requisitasse ali, voltou-se para sua tela. Lá estava seu quadro. Sim, com todos os verdes e azuis, as linhas subindo e se cruzando, a tentativa de alcançar alguma coisa. Seria dependurado no sótão, pensava; seria destruído. Mas que importa?, perguntou-se, tornando a pegar o pincel. Olhou os degraus: estavam vazios; olhou a tela: estava indefinida. Então, com uma repentina intensidade, como se pudesse vê-la nitidamente por um segundo, traçou uma linha aqui, no centro. Estava pronto; estava acabado. Sim - pensou, pousando o pincel, com extremo cansaço - eu tive a minha visão. (WOOLF, 1987, p. 209).

A finalização da pintura da tela a que se dedicava a pintora convidada pôde concluir-se a partir do momento em que a artista plástica conseguiu, finalmente, concentrar as condições ideais de percepção interior para simbolizar, em forma de linhas verdes e azuis, a representação de um sentimento que a arrebatava. Kothe (1981, p. 95) revela:

A mimese quase sempre foi entendida apenas como imitação [...]. Mimese também é imitação, mas restringi-la ao processo de algo tornar-se igual a algo tende não só a subavaliar a diferenciação do texto em relação a seu modelo (que pode ser uma sociedade ou/e até outra obra de arte) como a recair na questão platônica da arte como cópia da cópia (com o que a arte sempre é “degradada”, pois ela não consegue ser o modelo do qual ela é uma imitação mais ou menos falsa).

Uma das funções da representação artística pelo pintor consiste em modificar a capacidade intuitiva do apreciador da arte, alterando-lhe as formas convencionais de percepção mimética, no intuito de estimular o desenvolvimento de novas formas de compreensão da realidade e evitar a reprodução automática de formas padronizadas de percepção.

5 A arte sobre tela e sua relação com a literatura: os efeitos da percepção do artista sobre a narrativa

A relação existente entre a Literatura e a pintura, de maneira semelhante à encontrada no enredo de *Passeio ao farol*, consiste em uma inter-relação entre campos distintos do saber cultural. Normalmente, as narrativas contemporâneas, dentre as quais podemos enumerar os romances, as crônicas e os contos, entre outras, costumam caracterizar-se pela presença de elementos estruturais em seu conteúdo, como as personagens (protagonistas, antagonistas e outras), os fatores relacionados ao tempo e ao espaço onde se desenvolve a trama, o enredo e o narrador, podendo este ser considerado onisciente ou não.

De modo semelhante à arte literária, dizemos que a pintura consiste no produto de uma representação artística que também apresenta elementos estruturais, como a presença de cores, formas e traçados, texturas entre outros. A principal diferença a distinguir a pintura da Literatura, entretanto, é que, embora ambas tratem de simbolização da experiência criativa do artista, a pintura, normalmente, apresenta a imagem como o principal elemento para configurá-la ou caracterizá-la, enquanto a arte literária não, pois é a palavra ou o próprio texto o elemento que confere a forma à narrativa. Mumford acrescenta:

A arte, tomada no sentido estrito em que pode ser separada da técnica, é fundamentalmente o domínio do indivíduo; e o propósito da arte [...] é alargar o âmbito da personalidade, de forma a que sentimentos, emoções, atitudes e valores [...] possam ser transmitidos com toda a sua força e significado a outras pessoas ou a outras culturas. (MUMFORD, 1986, p. 20).

Em outras palavras, ao se referir à arte como pertencendo ao domínio dos saberes culturais individuais, Mumford (1986) revela que a arte, em seu sentido estrito, possui ainda a função de estender, a um número maior de pessoas ou culturas, as formas de compreensão desenvolvidas pela personalidade, os sentimentos, as emoções, as atitudes e os valores simbolizados individualmente pelo criador artístico.

Pollock (2010) encara as obras de arte como sendo locais nos quais se torna possível a produção de significados e de afetos entre e para espectadores e leitores; as obras artísticas, sejam elas visuais ou textuais, entre outras, passarão a serem consideradas como sendo sinônimo de práticas culturais, capazes de modificar os significados a elas atribuídos pela história e pelo inconsciente:

Si nos aproximamos a las obras de arte como proposiciones, como representaciones y como textos, es decir como sitios para la producción de significados y de afectos por medio de operaciones visuales y plásticas entre y para espectadores/lectores, cesan de ser meros objetos que la evaluación estética debe clasificar o para la autoría idealizada. Las obras de arte demandan ser leídas como *prácticas* culturales que negocian los significados conformados por la historia y el inconsciente. (POLLOCK, 2010, p. 54).²

No caso do romance *Passeio ao farol*, a relação intersemiótica envolvendo a arte pictórica e a Literatura manifesta-se exclusivamente de maneira textual, uma vez que, ao se referir à pintura do quadro ao qual Lily Briscoe estava a produzir, o narrador faz apenas referências aos elementos visuais, sem a inclusão de imagens, referindo-se àqueles, como linhas e cores, não aludindo, portanto, a outros símbolos e formas além da árvore, que tencionava mudar de lugar na tela:

[...] E de repente, como se tivesse encontrado um tesouro, lembrou-se de que ela também tinha o seu trabalho. De relance, visualizou o seu quadro, e pensou: sim, deslocarei a árvore mais para o centro; assim evitarei aquele vazio sem propósito. É o que farei. Era isso que me embaraçava. Pegou o saleiro e o colocou sobre uma flor no estampado da toalha, para não se esquecer de mudar a árvore de lugar. (WOOLF, 1987, p. 86).

A relação entre a imagem e a palavra, na obra mencionada, pressupõe uma interpretação subjetiva, por parte do leitor, dos motivos que ensejaram a pintora Briscoe a representar em forma de tela artística, a admiração e o estado de enlevamento de que se sentia possuída diante do ambiente doméstico e familiar, comandado pela Sra. Ramsay, pois, diferentemente do que ocorre com a *ekphrasis*, por exemplo, em que a imagem é apresentada com primazia sobre o texto, no romance de Virginia Woolf verifica-se o contrário, ou seja, é o texto que exerce a função de referencial pictórico ou de inspiração para a pintura que está sendo produzida pela personagem Lily Briscoe:

² Se nos aproximarmos às obras de arte [encarando-as] como proposições, como representações e como textos, ou seja, como locais para a produção de significados e de afetos por meio de operações visuais e plásticas entre e para espectadores/leitores, deixam de ser meros objetos que a avaliação estética deve classificar ou para a autoria idealizada. As obras de arte necessitam ser lidas como *práticas* culturais que negociam os significados conformados pela história e o inconsciente.

No romance de arte, em que o protagonista é pintor, músico ou escultor, o autor introduz, voluntariamente, descrições de obra de arte. A descrição de uma obra de arte, frequentemente imaginária, constitui, como na *ekphrasis* clássica, uma parte destacável em um texto épico [...]. (HOEK, 2006, p. 174).

Apesar de a obra literária em análise não apresentar detalhes significativos em relação à imagem que está sendo concebida pela artista, verificamos que a descrição de traços, cores e movimentos mencionados na narrativa são condizentes com o estado de tensão emocional apresentado pela pintora no momento em que produzia o quadro:

Com uma curiosa sensação física, como se fosse impulsionada a prosseguir e ao mesmo tempo precisando se conter, fez o primeiro traço, firme e decidido. O pincel desceu. O marrom chamejou na tela branca; deixou um longo traço. Fez um segundo, depois um terceiro traço. E assim, numa sucessão de pausas e vibrações, conseguiu alcançar um movimento ritmado de dança, como se as pausas fossem uma parte do ritmo, e as vibrações outra, e ambas se relacionassem entre si; assim, pensando ligeira e rapidamente, e riscando, marcava a tela com linhas marrons contínuas e nervosas que, tão logo eram traçadas (sentia-as avultando ali), demarcavam um espaço. (WOOLF, 1987, p. 161).

Com isto, enfatizamos que a narrativa encontrada no romance *Passeio ao farol* apresenta uma relação intrínseca com a arte pictoral ou imagética, em vista de que o caráter subjetivo, a capacidade de converter em sensações internas os estímulos exteriores encontrados no ambiente e apreendidos pelos sentidos, inerente ao texto, está relacionada, sobretudo, à percepção da personagem Lily Briscoe no que se refere à conduta amorosa manifestada pela personagem Sra. Ramsay em relação aos seus familiares e ao ambiente no qual esta se encontrava envolvida.

6 Considerações finais

A relação estabelecida entre duas espécies de arte distintas, a literatura e a pintura, resulta em um entrelaçamento de dois campos culturais diversos, com vistas ao aflorar da capacidade perceptiva e do pensamento crítico de quem os aprecia. A obra literária *Passeio ao farol*, de Virginia Woolf, aborda a representação da sensibilidade e da percepção da pintora Lily Briscoe, em relação ao sentimento amoroso de que se sentia embevecida ao observar a conduta da personagem Sra. Ramsay, em direção à sua vida doméstica e familiar.

Desde o primeiro capítulo da narrativa, as ações da pintora Lily Briscoe centravam-se em permanecer no gramado da residência de praia dos Ramsays, enquanto a intenção da artista plástica consistia em produzir uma tela artística, na qual pudesse representar a atitude amorosa de uma mãe ao ler um livro de contos de fada ao filho, sentado ao seu lado. A

relação mimética deste quadro envolve, sobretudo, a percepção de uma realidade e a representação desta por intermédio de elementos visuais, como linhas, traços e cores.

A relação entre Literatura e pintura, apresentada pela obra baseia-se, exclusivamente, em elementos textuais inerentes à narrativa: personagens, narrador, enredo e os elementos tempo e espaço, uma vez que o texto referencial analisado não apresenta ao leitor quadros ou imagens que possam justificar a existência de uma *ekphrasis* no romance. Esta última caracteriza-se pelo predomínio da imagem sobre o texto. Em *Passeio ao farol*, a relação entre o texto ou a palavra e a imagem sugere uma interpretação intuitiva pelo leitor, permanecendo ao encargo deste, a compreensão dos motivos que ensejaram a produção do quadro pela pintora, ou seja, o fascínio e o enlevamento produzidos pela anfitriã da residência de praia sobre a pintora convidada.

Devido à ausência de imagens impressas em seu conteúdo interno, a obra *Passeio ao farol* torna possível ao leitor a formação de imagens mentais sobre o referente textual evidenciado pelo narrador, ou seja, a mãe e o filho. A narrativa da obra apresenta referências simbólicas ao produto da observação e da contemplação da realidade, como fontes de inspiração para a artista. Dentre essas referências, destacamos as cores, linhas e traços como elementos configuradores de uma imagem. A relação entre a Literatura e a pintura, entretanto, resultou em um entrelaçamento entre duas espécies distintas de realização artística. Ao produto desta relação devemos, portanto, o despontar da consciência do artista e do pensamento crítico relacionado ao apreciador da arte, como formas de interferência mútua sobre a realidade a qual os circunda.

Referências

HAUSER, Arnold. **A arte e a sociedade**. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

HOEK, Leo. A transposição intersemiótica: por uma classificação pragmática. In: ARBEX, Marcia (Org.). **Poéticas do visível, ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: PósLit/FALE/UFMG, 2006.

KOTHE, Flavio Rene. **Literatura e sistemas intersemióticos**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1981.

MUMFORD, Lewis. **Arte e técnica**. Lisboa: Edições 70, 1986.

POLLOCK, Griselda. **Encuentros en el museo feminista virtual: tiempo, espacio y archivo**. Tradução de Laura Trafi-Prats. Madrid: Ensayos Arte Cátedra, 2010.

WOOLF, Virgínia. **Passeio ao farol**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Ltda, 1987.